

JÚLIA BEATRIZ DE SOUZA BRIET DA SILVA E PATRÍCIA REGINA CHAVES DRACH

Imersões nas ambiências festivas da Semana Santa em Ouro Preto

Immersion in festive atmospheres of Holy Week in Ouro Preto

Inmersiones en las ambiencias festivas de la Semana Santa en Ouro Preto

Júlia Beatriz de Souza Briet da Silva

Doutoranda em Arquitetura do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (PROARQ/FAU/UFRJ) e Professora Substituta de Arquitetura do Instituto Federal de São Paulo, Campus Campos do Jordão. Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e mestrado em Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Urbanismo (PROURB/FAU/UFRJ) (Bolsista CAPES, 2025).

PhD candidate in Architecture at the Postgraduate Program in Architecture (PROARQ/FAU/UFRJ) and Lecturer of Architecture at the Federal Institute of São Paulo, Campos do Jordão Campus. Holds a degree in Architecture and Urbanism from the Federal University of Ouro Preto (UFOP) and a Master's degree in Urbanism from the Postgraduate Program in Urbanism (PROURB/FAU/UFRJ) (CAPES Scholarship, 2025).

Doctoranda en Arquitectura en el Programa de Posgrado en Arquitectura (PROARQ/FAU/UFRJ) y Profesora Sustituta de Arquitectura en el Instituto Federal de São Paulo, Campus Campos do Jordão. Titulada en Arquitectura y Urbanismo por la Universidad Federal de Ouro Preto (UFOP) y con maestría en Urbanismo por el Programa de Posgrado en Urbanismo (PROURB/FAU/UFRJ) (Becaria CAPES, 2025).

julia.briet@fau.ufrj.br

Patrícia Regina Chaves Drach

Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Urbanismo (PROURB/FAU/UFRJ) e da Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI/UERJ). Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo e doutorado em Modelagem Computacional pelo Laboratório Nacional de Computação Científica – LNCC/MCTIC (Bolsista FAPERJ, 2007).

Professor and researcher at the Postgraduate Program in Urbanism (PROURB/FAU/UFRJ) and at the Higher School of Industrial Design (ESDI/UERJ). Holds a degree in Architecture and Urbanism and a PhD in Computational Modeling from the National Laboratory for Scientific Computing – LNCC/MCTIC (FAPERJ Scholarship, 2007).

Profesora e investigadora del Programa de Posgrado en Urbanismo (PROURB/FAU/UFRJ) y de la Escuela Superior de Diseño Industrial (ESDI/UERJ). Titulada en Arquitectura y Urbanismo y doctora en Modelado Computacional por el Laboratorio Nacional de Computación Científica – LNCC/MCTIC (Becaria FAPERJ, 2007).

patricia.drach@fau.ufrj.br

Resumo

As festas religiosas têm o poder de transformar a paisagem urbana, ativando memórias, afetos e modos específicos de ocupação e vivência do espaço. Em cidades históricas, como Ouro Preto (MG), esse fenômeno se intensifica, sobretudo durante o período da Semana Santa, quando manifestações simbólicas e coletivas se entrelaçam à materialidade do patrimônio edificado. Neste contexto, a presente pesquisa investiga as ambiências urbanas produzidas ao longo do Tríduo Pascal, com foco na experiência sensível do espaço. Parte-se da compreensão de que os rituais religiosos não apenas alteram a configuração física do centro histórico, mas também reconfiguram as vivências e percepções daqueles que circulam, participam ou simplesmente testemunham os eventos. Para tanto, adotou-se à deriva situacional como método principal, uma vez que ela permite apreender os efeitos atmosféricos e afetivos gerados por tais celebrações a partir da vivência direta no espaço urbano. As caminhadas realizadas durante os rituais possibilitaram captar nuances das ambiências festivas e suas intensidades ao longo do tempo. Os resultados apontam para a criação de ambiências marcadas pela teatralidade das encenações, pelo engajamento afetivo e coletivo dos participantes e pela ressignificação simbólica dos espaços públicos. Assim, a pesquisa evidencia como eventos religiosos e festivos temporários afetam a experiência urbana, propondo uma leitura ampliada da cidade que considera o sensível, o simbólico e o coletivo como dimensões fundamentais na produção do espaço. Dessa forma, acredita-se que este estudo contribui para o campo da Arquitetura e do Urbanismo ao valorizar práticas que, embora efêmeras, deixam marcas duradouras na paisagem e na memória urbana.

Palavras-chave: Ambiências. Semana Santa. Ouro Preto.

Abstract

Religious festivities have the power to transform the urban landscape, activating memories, affections, and specific ways of occupying and experiencing space. In historic cities such as Ouro Preto (MG), this phenomenon becomes even more intense, especially during Holy Week, when symbolic and collective manifestations intertwine with the materiality of built heritage. In this context, the present research investigates the urban atmospheres produced throughout the Easter Triduum, with a focus on the sensitive experience of space. It is based on the understanding that religious rituals not only alter the physical configuration of the historic center but also reshape the experiences and perceptions of those who move through, participate in, or simply witness the events. To this end, situational drifting was adopted as the main method, as it allows the capture of atmospheric and affective effects generated by such celebrations through direct experience in urban spaces. The walks carried out during the rituals enabled the observation of nuances in festive ambiances and their intensities over time. The results point to the creation of atmospheres marked by the theatricality of the enactments, the emotional and collective engagement of participants, and the symbolic resignification of public spaces. Thus, the research highlights how temporary religious and festive events affect urban experience, proposing an expanded reading of the city that considers the sensitive, the symbolic, and the collective as fundamental dimensions in the production of space. In this way, the study contributes to the field of Architecture and Urbanism by valuing practices that, although ephemeral, leave lasting marks on the urban landscape and memory.

Keywords: Atmospheres. Holy Week. Ouro Preto.

Resumen

Las fiestas religiosas tienen el poder de transformar el paisaje urbano, activando memorias, afectos y modos específicos de ocupación y vivencia del espacio. En ciudades históricas como Ouro Preto (MG), este fenómeno se intensifica, sobre todo durante el período de la Semana Santa, cuando las manifestaciones simbólicas y colectivas se entrelazan con la materialidad del patrimonio edificado. En este contexto, la presente investigación analiza las ambiencias urbanas producidas a lo largo del Triduo Pascual, con énfasis en la experiencia sensible del espacio. Se parte de la comprensión de que los rituales religiosos no solo alteran la configuración física del centro histórico, sino que también reconfiguran las vivencias y percepciones de quienes circulan, participan o simplemente presencian los eventos. Para ello, se adoptó la deriva situacional como método principal, ya que permite captar los efectos atmosféricos y afectivos generados por dichas celebraciones a partir de la vivencia directa en el espacio urbano. Las caminatas realizadas durante los rituales permitieron captar matices de las ambiencias festivas y sus intensidades a lo largo del tiempo. Los resultados señalan la creación de una ambientación marcada por la teatralidad de las escenificaciones, el compromiso afectivo y colectivo de los participantes y la resignificación simbólica de los espacios públicos. Así, la investigación evidencia cómo los eventos religiosos y festivos temporales afectan la experiencia urbana, proponiendo una lectura ampliada de la ciudad que considera lo sensible, lo simbólico y lo colectivo como dimensiones fundamentales en la producción del espacio. De este modo, se considera que este estudio contribuye al campo de la Arquitectura y el Urbanismo al valorar prácticas que, aunque efímeras, dejan huellas duraderas en el paisaje y en la memoria urbana.

Palabras clave: Ambiencias. Semana Santa. Ouro Preto.

Introdução

As cidades não se constituem apenas por edifícios, ruas e monumentos. Elas ganham vida por meio dos sentidos, das práticas sociais e dos rituais que as atravessam, ainda que de forma temporária. Entre essas práticas, as festas religiosas se destacam por sua força em reunir indivíduos em torno de experiências compartilhadas, que misturam fé, tradição e pertencimento. Celebradas de diferentes formas em distintos contextos culturais, as festividades não apenas reafirmam valores e crenças coletivas, como também ativam modos específicos de ocupar e perceber a cidade rompendo com o ritmo monótono do cotidiano (Jurkevics, 2005, p.74). Com essa transformação, instauram-se ambiências singulares que aproximam o sagrado do espaço urbano, fazendo com que os espaços públicos adquiram novos sentidos.

Nos centros históricos, essas celebrações desempenham um papel vital, não apenas preservando tradições, mas também revitalizando o espaço urbano e fortalecendo os vínculos entre os moradores ou visitantes e o território. Elas transformam as vias, adros e praças em cenários dinâmicos de vivências compartilhadas, no qual o patrimônio edificado se torna um elo entre o passado e o presente. Sendo assim, além de fomentar a atividade turística na região, ela permite que se instaure um sentido de pertencimento e identidade coletiva, garantindo à cidade uma vitalidade que vai além da função utilitária do espaço.

A Semana Santa sediada no Centro Histórico de Ouro Preto (MG) constitui uma das mais emblemáticas manifestações religiosas e culturais do país, sendo responsável por transformar as ambiências urbanas da cidade ouropretana e mobilizar moradores, fiéis e visitantes em torno de uma tradição que remonta ao século XVIII (Silva, 2025, p.19). Marcada pela fusão entre fé, arte e espaço, essa festividade ocupa o centro com uma série de ritos e celebrações que revelam o protagonismo das paróquias locais, das irmandades leigas e das diversas associações religiosas na organização dos eventos litúrgicos e performáticos.

Sendo assim, este trabalho tem como objetivo compreender como a festividade da Semana Santa transforma as ambiências urbanas do Centro Histórico ouropretano, ativando formas específicas de ocupação, percepção e vivência do espaço. Partindo do entendimento de que a cidade é também construída por meio de práticas simbólicas e sensoriais, investiga-se como os rituais religiosos – em especial as procissões e a confecção dos tapetes devocionais – instauram atmosferas que reconfiguram temporariamente os sentidos atribuídos às ruas, praças e edifícios. A análise concentra-se, portanto, nas dinâmicas espaciais e nos modos de habitar gerados pela festa, considerando a interação entre moradores, visitantes e o patrimônio edificado.

Para alcançar tais objetivos, foi adotada como principal estratégia metodológica a deriva situacional, abordagem que privilegia o deslocamento atento e sensível pela cidade durante os dias de celebração (Jacques, 2003, p. 16). Para preservar a essência dessa ferramenta, os pesquisadores optaram por não buscar nenhum conhecimento prévio sobre o funcionamento dos eventos religiosos da Semana Santa, orientando-se unicamente pelo folheto de programação online disponibilizado pela Paróquia organizadora. Assim, o percurso foi conduzido de forma espontânea pelo Centro Histórico de Ouro Preto, iniciando-se cerca de uma hora antes aos horários indicados para as procissões e apresentações sediadas nos espaços públicos, mas sem tempo definido para encerramento, permanecendo em campo conforme o desenrolar das atividades. Essa prática permitiu captar não apenas os itinerários e os elementos visuais da festa, mas também os sons, os fluxos e os afetos que atravessam o espaço urbano. Como produto dessa experiência, foram elaboradas pelos próprios autores imagens-sínteses que representam visualmente as ambiências festivas observadas

em cada um dos dias estudados. Essas imagens, posteriormente aperfeiçoadas com o auxílio da Inteligência Artificial (IA), contribuem para a visualização e a comunicação das interpretações desenvolvidas ao longo da pesquisa.

O artigo foi estruturado a partir da lógica dramatúrgica do teatro, no qual a Semana Santa ouropretana é concebida como uma grande encenação urbana, dividida em cenas que revelam diferentes dimensões da experiência festiva durante o período do Tríduo Pascal. Dessa forma, o trabalho está organizado em dois capítulos principais: o primeiro, intitulado O Prólogo, que aprofunda o contexto e a compreensão da Semana Santa ouropretana; e o segundo, denominado A Peça, subdividido em quatro cenas correspondentes à Quinta-feira, Sexta-feira, Sábado e Domingo Santos.

A partir desse material, o artigo propõe uma leitura das celebrações sob perspectivas distintas buscando evidenciar os diferentes modos de apropriação e significação da festa, e oferecendo ao leitor um panorama das camadas sensíveis, simbólicas e espaciais que compõem a Semana Santa ouro-pretana.

Prólogo: Contextualização da Semana Santa Ouro-pretana

Desde o período colonial, a cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais, vivencia uma intensa mobilização religiosa durante a Semana Santa, quando suas ruas e espaços públicos ganham novos significados por meio das manifestações de fé e tradição. Consolidada como uma das festividades mais relevantes do município, a celebração é organizada alternadamente por duas paróquias históricas — Nossa Senhora do Pilar e Nossa Senhora da Conceição —, refletindo uma antiga rivalidade entre os arraiais coloniais que compunham a cidade (Silva, 2025, p. 48). Essa alternância determina não apenas a paróquia responsável pelas cerimônias litúrgicas, mas também a definição dos percursos das procissões ao longo do Centro Histórico.

Os primeiros indícios da aproximação da Semana Santa manifestam-se através da ornamentação das vias públicas, com destaque para as janelas das casas coloniais que recebem toalhas decoradas, cuja coloração varia ao longo dos dias festivos. Essa prática, herdada da tradição portuguesa, é mantida pelas famílias locais como expressão de devoção e pertencimento comunitário.

A festividade tem início no Domingo de Ramos, data que marca o início das procissões, realizadas sob a forma de cortejos a pé, de profunda carga simbólica e espiritual. A primeira delas é a Procissão do Encontro, que representa o encontro entre Jesus Cristo, carregando a cruz, e sua mãe, Maria, a caminho do Calvário.

Os dias subsequentes, Segunda e Terça-Feira Santas, são tradicionalmente dedicados a momentos de oração, leitura bíblica e à realização da Procissão da Soledade, esta última ocorrendo na terça-feira. Em Ouro Preto, essa procissão percorre o trajeto inverso ao da Procissão do Encontro, simbolizando o retorno de Nossa Senhora ao sepulcro. É importante ressaltar que, embora muitas procissões sigam rotas semelhantes pelo centro histórico, algumas apresentam variações conforme a paróquia responsável naquele ano, com exceção das procissões do Encontro e da Soledade, que mantêm trajetos fixos e previamente definidos. A Quarta-feira Santa repete o caráter devocional da Segunda-feira, com missas e atividades reflexivas.

A partir da Quinta-feira Santa, tem início o Tríduo Pascal — recorte temporal da presente pesquisa —, composto por três dias de celebrações: Quinta-feira Santa, Sexta-feira Santa e Sábado Santo, culminando no Domingo da Ressurreição. No primeiro dia,

realiza-se a encenação da Última Ceia, momento em que Jesus institui a Eucaristia e realiza o rito do lava-pés. Essas cenas são dramatizadas nos adros da igreja designada para aquele ano, com a participação ativa de membros da comunidade.

A Sexta-feira Santa, também conhecida como Sexta-feira da Paixão, é marcada pela comemoração da crucificação de Cristo. Trata-se de um dia de luto e introspecção, no qual ocorre a Via Sacra — que recria o trajeto de Jesus até o Calvário — e o Ofício das Trevas. Um dos momentos mais emblemáticos dessa data é a tradição conhecida como Canto da Verônica, na qual uma mulher, posicionada sobre uma banqueta em pontos específicos do percurso, entoia uma canção fúnebre enquanto desenrola um pano com a imagem do rosto de Cristo.

O Sábado Santo, ou Sábado de Aleluia, é dedicado à Vigília Pascal, momento de silêncio e expectativa entre a morte e a ressurreição de Jesus. Nessa noite, inicia-se a confecção dos tapetes devocionais, que enfeitam as ruas por onde passará a Procissão da Ressurreição na manhã de domingo. Embora frequentemente associados à celebração de Corpus Christi, em Ouro Preto os tapetes remontam ao século XVIII, inspirados no cortejo do Triunfo Eucarístico em Vila Rica d'Albuquerque. Produzidos por moradores ao longo das fachadas das casas, os tapetes utilizam materiais como farinha de trigo, flores, cal, pó de café, ciprestes e serragens coloridas, constituindo uma prática artesanal que simboliza a união entre fé, arte e memória coletiva (Lopes & França, 2024).

O ciclo ritual se encerra com o Domingo da Ressurreição, ou Domingo de Páscoa, data mais significativa do calendário cristão, que celebra a vitória da vida sobre a morte. Em Ouro Preto, é um momento de grande júbilo entre os fiéis, marcado por celebrações litúrgicas festivas, como a Missa da Ressurreição e a procissão que percorre o trajeto ornamentado pelos tapetes confeccionados na madrugada anterior.

A Peça: O Tríduo Pascal em Quatro Cenas

Neste capítulo, propomos um olhar sensível e dramatúrgico sobre o Tríduo Pascal em Ouro Preto, estruturando os eventos litúrgico-performativos em quatro cenas, como se fossem partes de uma peça teatral encenada nas ruas do centro histórico. A metáfora teatral nos permite evidenciar a riqueza cênica, emocional e simbólica presente nas celebrações, aproximando o leitor da dimensão estética, sensorial e experiencial da festa.

Cada dia do Tríduo — Quinta-feira Santa, Sexta-feira da Paixão, Sábado de Aleluia e Domingo da Ressurreição — será aqui compreendido como uma cena dessa grande encenação coletiva, na qual a cidade se torna palco, os moradores e fiéis assumem os papéis de atores e coautores, e o espaço urbano se transforma em cenário vivo da fé cristã. No fim, haverá um epílogo, de modo a sintetizar as cenas observadas.

A proposta é evidenciar as diferentes ambiências que emergem em cada uma das cenas, compreendidas como construções sensíveis e compartilhadas que envolvem arquitetura, práticas sociais, emoções, sons, cores, gestos e símbolos. Cada cena será acompanhada por uma imagem-síntese, capaz de condensar e expressar visualmente as ambiências observadas, funcionando como uma chave de leitura poética e analítica para o conjunto da experiência.

Com isso, buscamos ressaltar como o tempo litúrgico e o espaço urbano se entrelaçam na produção de ambiências rituais únicas, revelando a potência estética e coletiva da celebração pascal ouropretana.

Cena I: A Última Ceia e o silêncio da noite

Na primeira cena desta peça coletiva, a Quinta-feira Santa [1] se apresenta como um momento de dupla intensidade: inicia-se com o tom reverente da Última Ceia e culmina na tensão dramática da Procissão do Fogaréu. Cada instante molda ambiências distintas, que envolvem a cidade em atmosferas ora silenciosas, ora carregadas de emoção e expectativa.



FIGURA 1 – Quinta-feira Santa ouropretana.

Fonte: Elaborado pelos autores e aperfeiçoada com o auxílio da IA.

O adro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos acolhe a cerimônia do Lava-Pés sob um clima de solenidade. A chuva fina, escorrendo pelas pedras do calçamento, reforça a introspecção do momento. A iluminação em vermelho e negro que emana das janelas da igreja contrasta com a arquitetura colonial e intensifica o caráter performativo do espaço. A presença das doze cadeiras, da cruz central, dos púlpitos e da orquestra transforma o local em palco sacro, onde música, simbolismo e gesto se unem para invocar os últimos momentos de Cristo junto aos apóstolos.

Crianças representando os discípulos — com trajes brancos e faixas coloridas — personificam o envolvimento das famílias locais, enquanto moradores assistem da mureta, dos batentes e das sacadas, compondo uma ambiência de partilha e memória coletiva. O centro histórico, normalmente silencioso à noite, ganha vida e significado com a presença atenta de corpos que resistem ao frio e à garoa.

Com a chegada da Procissão do Fogaréu, o cenário se transforma radicalmente. A cidade mergulha numa atmosfera de urgência e tensão. Figurantes vestidos de preto, munidos de tochas acesas, tambores e maracás, encarnam os soldados que capturam Jesus. A marcha ritmada e acelerada atravessa ruas e praças, desenhando

um percurso de suspense. O Largo do Cinema, que em outros dias abriga o fluxo cotidiano, se converte em palco da busca simbólica por Jesus, oferecendo uma pausa que convida à imersão do público.

Na Praça Tiradentes, a encenação atinge um ápice com a revelação de Jesus no Passo. A surpresa que toma conta da multidão reforça o impacto da cena. O cortejo então segue rumo à Igreja de Nossa Senhora da Conceição, encerrando o percurso sob uma aura de melancolia e densidade emocional. Em todo o trajeto, sacadas e janelas se tornam camarotes domésticos, dissolvendo as fronteiras entre o privado e o público.

Mesmo após o fim da procissão, os espectadores permanecem nas ruas, prolongando a vivência através de encontros e conversas. O espaço urbano continua pulsando, preenchido por uma ambiência de pertencimento e coletividade, que ressignifica a cidade como território de fé, memória e convivência.

Cena II: O peso do luto

A Sexta-feira Santa [2] é marcada por uma ambiência densa e carregada de emoção, na qual o Centro Histórico se transforma em cenário para a apresentação das figuras bíblicas e a Procissão do Enterro de Jesus Cristo.



FIGURA 2 – Sexta-feira Santa ouropretana.

Fonte: Elaborado pelos autores e aperfeiçoada com o auxílio da IA.

Em comparação à Quinta-feira Santa, este dia atraiu um público significativamente maior, fenômeno que pode ser atribuído tanto à estabilidade climática quanto à força do vínculo comunitário que a celebração suscita. O fato de todos os figurantes serem moradores locais fortalece esse vínculo, mobilizando parentes, amigos e vizinhos para prestigiar a cerimônia. Trata-se de um momento em que laços sociais se intensificam, e no qual as festividades desempenham um papel essencial na reafirmação das identidades coletivas.

Com a presença de um público mais numeroso, o adro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos foi ocupado de forma mais intensa do que na noite anterior, inclusive a área frontal ao palco, que se tornou ponto privilegiado de observação. A topografia acidentada, tanto do adro quanto da via pública em frente à igreja, foi estrategicamente aproveitada pelos espectadores, que se acomodaram nos desníveis do terreno em busca de melhor visibilidade. Essa apropriação espontânea do relevo urbano evidencia a flexibilidade funcional do espaço público e sua capacidade de atender às necessidades coletivas em momentos de celebração comunitária.

O cenário montado para a encenação também sofreu modificações, reforçando a ambientação simbólica do luto. As cadeiras antes presentes no palco foram removidas, e novos elementos foram incorporados: guardas posicionados nas janelas da igreja, e, sobretudo, a figura de Jesus na cruz, envolta por um pano branco, utilizado simbolicamente no momento da descida. Esses recursos cenográficos intensificaram o caráter dramático da encenação, que se desenvolveu sob a condução do padre, e teve no palco o epicentro de uma narrativa visualmente impactante e emocionalmente carregada.

À medida que o padre narrava os episódios finais da Paixão, os figurantes surgiam um a um, caracterizados como personagens bíblicos, reverenciando a cruz antes de se posicionarem ao seu redor. O clímax da celebração se deu na descida de Jesus da cruz: seu corpo foi cuidadosamente colocado em um leito coberto, ato que marcou o início da procissão que seguiu até a Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Ao longo do percurso, paradas estratégicas eram realizadas, nas quais a figura bíblica de Verônica entoava cânticos melancólicos e exibia ao público a imagem de Jesus, ampliando o sentimento coletivo de introspecção e tristeza.

A suspensão do tráfego de veículos ao longo do trajeto contribuiu significativamente para a criação de uma ambiência segura e solene. A ausência de automóveis ressignificou as ruas, transformando-as em espaços cívicos e simbólicos, apropriados pelos corpos que, em silêncio e respeito, caminham juntos em um gesto ritual de ocupação coletiva. Além disso, foi possível observar que muitos espectadores se deslocavam entre os pontos do trajeto, concentrando-se em locais estratégicos, participando ativamente das paradas e interagindo entre si, o que reforça o caráter das ruas como espaços de encontro, troca e sociabilidade. Esse movimento também teve impactos diretos no entorno urbano, com o aquecimento da atividade econômica local, especialmente em bares, lojas e restaurantes próximos ao percurso.

A transformação do adro da igreja e das vias públicas em espaços simbólicos revelou o poder das festividades religiosas de redefinir a paisagem urbana. Na Sexta-feira Santa, a ambiência de luto e introspecção não apenas deu novo sentido ao espaço físico, mas também mobilizou a memória coletiva da cidade, entrelaçando arquitetura, teatralidade e vivência comunitária. O Centro Histórico de Ouro Preto, portanto, se reafirma como um lugar de significados partilhados, em que o urbano é simultaneamente palco e protagonista da celebração. Nesse entrelaçamento de elementos materiais e imateriais, de práticas e afetos, constitui-se uma ambiência única, marcada pelo peso simbólico do silêncio, do luto e da fé.

Cena III: Entre o silêncio e a comunhão

No Sábado de Aleluia [3], o Centro Histórico ouropretano vivencia uma transformação sensível em suas ruas históricas, que se tornam palco de uma prática singular e coletiva: a confecção dos tapetes devocionais.



FIGURA3 – Sábado Santo
ouropretano.

Fonte: Elaborado pelos autores
e aperfeiçoada com o auxílio
da IA.

Desde as primeiras horas do dia, a cidade começa a dar indícios dessa mobilização, com sacos de serragem espalhados estrategicamente pelo Centro Histórico, prenunciando o que está por vir. Com o cair da noite, o espaço urbano se converte em um grande ateliê ao ar livre, onde moradores e visitantes, guiados por moldes, técnicas variadas e criatividade, constroem juntos um percurso de fé e partilha.

Esse processo revela uma vivência comunitária intensa. Conversas, trocas de saberes e gestos colaborativos tomam conta das ruas, enquanto outras pessoas apenas circulam, observam ou convivem nos bares e calçadas — evidenciando a sobreposição entre o cotidiano e o festivo. O que se forma ali é uma ambiência de pertencimento, em que diferentes formas de participação — ativa ou contemplativa — reforçam os laços com o espaço e com a coletividade.

Diversas narrativas emergem no decorrer da noite: moradores que mantêm a tradição em família, como o pai que refaz com o filho um antigo desenho; turistas que, vindos de lugares distantes, se veem acolhidos e convidados a participar da prática; e famílias que, das sacadas, acompanham com orgulho os filhos e netos no chão da rua. Essas experiências, por mais distintas que sejam, constroem um sentimento comum de enraizamento, onde a festa e o espaço se entrelaçam na vivência afetiva da cidade.

Há também espaço para manifestações mais críticas e simbólicas, como os tapetes com temáticas políticas elaborados por jovens, acolhidos com respeito por uma comunidade que, mesmo em um contexto religioso, demonstra abertura ao diálogo e à diversidade de expressão. Instituições como a FAOP se fazem presentes e reforçam o papel educativo e patrimonial do evento, enquanto o apoio da Guarda Municipal na organização do trânsito garante que as ruas possam ser plenamente apropriadas para a celebração.

A suspensão do fluxo de veículos reconfigura temporariamente a função da rua, que deixa de ser apenas um canal de passagem para se tornar um lugar de encontro e comunhão. Essa resignificação se revela também nos deslocamentos cuidadosos entre os tapetes, nos olhares atentos e nos corpos que se integram ao traçado urbano com respeito e entusiasmo. O Centro Histórico, assim, se torna cenário de uma ambiência festiva construída a muitas mãos, onde tradição, fé, arte e cotidiano se costuram num mesmo tecido coletivo.

Cena IV: A ressurreição e a celebração da vida

No Domingo de Páscoa [4], a cidade se transformou em um espaço repleto de ambiências festivas que combinaram elementos visuais, sonoros e sociais para expressar o profundo significado da ressurreição de Cristo.



FIGURA 4 – Domingo Santo ouropretano.

Fonte: Elaborado pelos autores e aperfeiçoada com o auxílio da IA.

Desde cedo, os tapetes devocionais, elaborados na noite anterior, chamaram a atenção dos moradores e visitantes, que percorriam o trajeto observando os detalhes e registrando a efemeridade das obras de arte feitas de areia e flores. Essa interação coletiva revelou o papel da arte como elo de união e contemplação compartilhada.

Nas janelas das casas, houve uma mudança simbólica: os panos em tons de vermelho e roxo, que remetem à Paixão, deram lugar a tecidos brancos, cor que representa a renovação e a esperança da Páscoa. Esse gesto, simples, mas carregado de significado, transformou a paisagem urbana, sinalizando a transição litúrgica para um momento de alegria e fé renovada.

A diversidade temática dos tapetes ressaltou aspectos religiosos e culturais. Figuras bíblicas, formas geométricas e mensagens de amor e paz se destacaram, ao lado de representações que homenagearam a identidade brasileira e a memória afro-brasileira. Um tapete inspirado na obra *Abaporu* de Tarsila do Amaral trouxe reflexões sobre brasilidade e o diálogo entre o passado histórico da cidade e os movimentos culturais do século XX. Outro, com o símbolo Sankofa, celebrou a ancestralidade africana e a resistência da cultura negra, ressaltando a importância da memória diante do legado da escravidão em Ouro Preto.

Ainda na perspectiva de lutas e memórias, um tapete exibiu bandeiras de países oprimidos, como Vietnã, Guiné e Palestina, acompanhadas da palavra livre, mesclando fé e ativismo em um chamado universal por justiça e liberdade. O símbolo feminista também marcou presença, reafirmando a importância da igualdade de gênero e da solidariedade como parte integrante da celebração.

Além das artes simbólicas, a valorização do patrimônio local foi expressa em tapetes que reproduziram as fachadas das igrejas históricas da cidade, reforçando o vínculo entre o espaço físico e a identidade cultural da comunidade. A participação das repúblicas estudantis também foi destacada, com seus tapetes confeccionados em frente às casas, evidenciando o sentimento de pertencimento e a continuidade das tradições.

À medida que a missa terminava na Igreja Nossa Senhora do Pilar, a concentração de fiéis no largo se intensificava, muitos sem conseguir entrar devido à lotação. O som dos sinos anunciou o início da Procissão da Ressurreição, que seguiu uma ordem clara: as figuras bíblicas à frente, seguidas pelos membros da igreja, o Santíssimo Sacramento, a banda e os fiéis. O cortejo percorreu o trajeto dos tapetes, enriquecendo a experiência visual com confetes coloridos e acordes festivos, enquanto cânticos de louvor ecoavam pelas ruas.

A procissão, marcada por um ritmo sereno e respeitoso, especialmente pela presença de idosos, criou uma atmosfera de reverência e esperança. Sons tradicionais, como matracas e sinos, harmonizaram-se com os passos dos participantes, dando vida a uma celebração que uniu espiritualidade e senso comunitário. Após o encerramento, a limpeza rápida e organizada pelas equipes da prefeitura demonstrou o cuidado com o espaço público e a valorização do patrimônio urbano.

Nenhum veículo circulou durante o evento, garantindo a segurança e a integridade da festa, reforçando a ideia de que o Domingo de Páscoa em Ouro Preto é um momento singular que conjuga passado e presente, tradição e renovação, fé e cultura. As ambiências captadas nesse dia mostram como a celebração contribui para fortalecer os vínculos entre o indivíduo, a comunidade e o patrimônio, promovendo uma experiência única e profunda de pertencimento.

Epílogo: O compêndio da devoção

Ao longo do Triunfo Eucarístico da Semana Santa de Ouro Preto [5] é possível observar que a cidade não apenas abriga os acontecimentos, mas se converte ela própria em protagonista viva de um enredo coletivo.

Cada cena desse teatro urbano revela uma ambiência distinta, moldada por práticas, afetos e territorialidades. Na Quinta-feira, a reverência da Última Ceia e a dramaticidade do Fogaréu criam atmosferas opostas, mas complementares: ora de introspecção, ora de tensão e movimento. A materialidade da cidade — pedras, igrejas, sacadas — se vê resignificada pelo gesto e pelo som, enquanto moradores e visitantes se reúnem em torno da partilha simbólica.

Imersões nas ambiências festivas da Semana Santa em Ouro Preto

Immersion in festive atmospheres of Holy Week in Ouro Preto

Inmersiones en las ambiencias festivas de la Semana Santa en Ouro Preto



FIGURA 5 – O Triunfo Eucarístico da Semana Santa ouropretana.

Fonte: Elaborado pelos autores e aperfeiçoada com o auxílio da IA.

Na Sexta-feira Santa, o peso do luto se inscreve nas ruas, nas vestimentas, nos gestos contidos e no silêncio coletivo. A encenação da morte de Cristo mobiliza laços sociais e ativa a memória da comunidade, que encontra, na participação dos moradores, um espelho de suas próprias histórias. O espaço público se torna espaço simbólico, onde os corpos se deslocam com reverência, e onde a cidade se reconfigura como território de memória e emoção partilhada.

O Sábado de Aleluia, por sua vez, marca uma transição. Entre o fim da noite e o alvorecer do domingo, as ruas são tomadas por gestos colaborativos e afetivos na confecção dos tapetes devocionais. Nesse momento, a cidade respira um silêncio diferente: não o da ausência, mas o da concentração e da partilha. A prática, ao mesmo tempo artística e religiosa, revela um entrelaçamento profundo entre tradição, comunidade e espaço urbano.

Por fim, no Domingo de Páscoa, a cidade celebra. As ambiências se tornam mais leves, coloridas e sonoras. Os tapetes ganham novos significados ao serem percorridos pelas procissões festivas. A presença da música, das flores e das vestes claras anuncia a

renovação da fé e da convivência. O Centro Histórico pulsa em comunhão, reafirmando-se como cenário e sujeito de uma celebração que une o religioso ao sensível, o ritual ao cotidiano.

Neste percurso de quatro atos, observa-se não apenas uma sucessão de eventos litúrgicos, mas uma intensa vivência urbana moldada pela participação coletiva. O espaço se torna mais do que suporte físico: é ativado por memórias, práticas e afetos que o transfiguram. Ouro Preto, nesses dias, é mais do que cidade — é celebração em estado pleno.

Considerações Finais

Ao longo desta pesquisa, foi possível compreender como a Semana Santa em Ouro Preto configura um potente fenômeno de ressignificação urbana, no qual o espaço histórico é temporariamente transformado por meio de práticas religiosas, estéticas e sociais. A cidade, entendida aqui como palco e personagem, ganha novas camadas de sentido ao ser atravessada por ritos, performances e afetos que compõem a dramaturgia litúrgica do Tríduo Pascal.

As ambiências festivas observadas revelam a complexidade de uma celebração que extrapola o domínio do sagrado institucionalizado, inscrevendo-se nos corpos, nos gestos e nas materialidades que integram a vida urbana. Cada cena analisada – da solenidade da Última Ceia ao júbilo do Domingo da Ressurreição – evidencia formas singulares de apropriação do espaço, nas quais a tradição religiosa se entrelaça com a memória coletiva e com a sensorialidade da cidade.

Além disso, a proposta metodológica da deriva situacional e o uso de imagens-síntese produzidas com auxílio da inteligência artificial mostraram-se estratégias férteis para acessar dimensões sensíveis da experiência urbana, permitindo visualizar e interpretar atmosferas efêmeras que escapam aos registros mais convencionais. Essa abordagem contribuiu para expandir a compreensão do conceito de ambiência, destacando seu caráter processual, relacional e multissensorial.

A análise aqui desenvolvida, ainda que parcial, evidencia que as festas religiosas são práticas fundamentais na produção e manutenção de vínculos sociais e territoriais, especialmente em contextos patrimoniais como o de Ouro Preto. Elas ativam memórias, fortalecem identidades e mobilizam diferentes agentes na construção coletiva do espaço.

Por fim, este estudo reforça a importância de se considerar as práticas simbólicas e festivas como elementos constitutivos da paisagem urbana, propondo que o planejamento e a preservação do patrimônio incorporem tais dimensões imateriais e sensíveis. Ao reconhecer a potência transformadora das ambiências festivas, abre-se espaço para pensar a cidade não apenas como cenário, mas como experiência viva em constante reinvenção.

Agradecimentos

Os autores agradecem à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro que viabilizou o desenvolvimento desta pesquisa, e o Programa de Pós-Graduação em Urbanismo (PROURB) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), pelo suporte institucional e pelo ambiente acadêmico que contribuíram significativamente para a realização desta pesquisa.

Referências

SILVA, Júlia Beatriz de Souza Briet da. **A construção do lugar através das ambiências festivas da Semana Santa, em Ouro Preto/MG**. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

JACQUES, Paola Berenstein (org.). **Apologia da Deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JURKEVICS, V. I. **Festas religiosas**: a materialidade da fé. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 43, p. 73-86, 2005. Editora UFPR. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/7863/5544>>.

LOPES, Myriam Bahia; FRANÇA, Tayami Fonseca. **Revestindo os trajetos da fé**: Os tapetes devocionais como marca da paisagem na Procissão da Ressurreição em Ouro Preto MG. Arqtextos, São Paulo, ano 24, n. 286.03, Vitruvius, mar. 2024. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/24.286/8978>>. Acesso em 18 jan. 2024.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O CADERNOS PROARQ (ISSN 2675-0392) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma **online** a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

Submetido em 26/05/2025

Aprovado em 03/07/2025